



FASC. I.

ABRIL — 1900

ANNO I.

B:10.983 - 9
2-347, 1, 42



CENÁCULO

REVISTA

LITERARIA

SUMMARIO

DE VOLTA, por Tecelino de Almeida.

EDITORIAL.

TOMYRIS, de Cantidiano Nunes.

DE VOLTA, por Antonio Alves Junior.

DOLENTE, por Flexa Ribeiro.

MIRAGEM, por João Baena.

ARVORE SÉCCA, de Renato de Oliveira.

VELHINHA, de Edmundo Alfieri.

SÓ, por Lucio Albano.

MALDITA ESTRELA, por Euclides Dias.

LIVRE CHRONICA, por Mucio Scavola.



DE VOLTA

(OPALINOS)

*Veo-te enfim de novo, como d'antes!
Uma alegria estranha me desperta,
e a voz do coração grita-me: — Alerta!
entre expansões e risos delirantes.*

*A porta do Prazer hoje está aberta!
Entremos, pois, e ao menos por instantes
descontemos o tempo em que, distantes,
a alma tivemos de afeições deserta!*

*Todo o meu sér agita-se e extremece!
Por toda a parte sinto, satisfeito,
uma algazarra tal que me enlouquece!*

*E unindo-se de novo as nossas almas,
ao apertar-te bem contra o meu peito,
dois corações alegres batem palmas!*

Tecelino de Almeida.



ESTABELECIMENTO GRAPHICO C. WIEGANDT
BELEM — PARÁ

CENÁCULO

Director — *Cantidiano Nunes*

Redactor — *Tecelino de Almeida*

Redactor-secretario — *Antonio Alves Junior*

REDACÇÃO — Travessa Dr. Moraes, 26.

Tabella de assignatura:

(Pagamento adeantado)

CAPITAL		Número avulso
Anno	12\$000	
Semestre	6\$000	1\$000

Collaboração do Cenáculo.

Na capa d'esta revista scintilla um delicado soneto da lavra do sr. Tecelino de Almeida, um vate inspirado e es-tudioso, que, a continuar assim, honrarí certamente no futuro as letras patriciais. Esses adoraveis versos arrancamol-os aos **Opalinos**, poesias do distinto moço amazonense e que brevemente virão á luz da publicidade. Cantidiano Nunes, o apreciado e distinto **conteur**, publica neste numero o soberbo conto **Tomyris**, que nós a custo, furtamos aos **Orientaes. Dolente**, é o titulo de uma bella e scintillante phantasia da lavra do sr. Flexa Ribeiro, de quem as letras patriciais muito tem a esperar attento o seu esforço pertinaz no estudo e a sua decidida vocação para a vida literaria.

Do sr. Antonio Alves Junior o **Cenáculo** insere neste numero a poesia **De volta. Arvore sêcca** é um soneto com que **Renato de Oliveira**, pseudonymo de um inspirado bardo, brindou-nos e cuja publicação abrillanta as paginas da nossa pequena revista. João Baena, o adoravel **conteur** que burilon essa belleza artistica, vibrante de naturalidade, que se chama a **Padeirinha**, insere presentemente no **Cenáculo** uma formosa e leve phantasia, a **Miragem. Edmundo Alfieri**, pseudonymo de um nosso illustre collaborador, subscreve neste fasciculo uma saltitante prosa encantadora, sob o suggestivo título de — **Velhinha**. Lucio Albano, que os nossos leitores já conhecem, é um estimado cooperador do **Cenáculo**, e agora nos brindou com o seu formoso **SÓ**. — De Euclides Dias, apreciado poeta da Amazonia, o **Cenáculo** insere agora o bello soneto **Maldita estrella**. Fechamos o **Cenáculo** com a **Livre Chronica**, Mucio Scovola. Eis os nomes dos autores, cujos trabalhos o **Cenáculo** preza-se de inserir. Sobre a nossa meza de redacção ainda temos muitos trabalhos que serão publicados no proximo numero. Oxalá assim sempre aconteça . . .

FASC. I.

ABRIL — 1900



CENÁCULO

REVISTA

LITERARIA

Caminhar, caminhar ainda, caminhar sempre!

Evang. ALLAN KARDEC.



MOTIVOS imperiosos forçaram-nos a demorar a saída do segundo número do *Cenáculo*.

Hoje, porém, o nosso modesto periódico de novo aparece, completamente transformado, em forma de revista, satisfazendo d'esta maneira as exigências dos nossos estimáveis assignantes e distintos leitores.

Não foi sem vencermos grandes obstáculos, sem envidarmos um supremo esforço, que damos hoje à luz da opinião pública o segundo número do orgão do *Club Coelho Netto*.

Com a repentina partida do nosso colega de redacção Tecelino de Almeida para Manaus, paralysaram-se os trabalhos jornalísticos d'este periódico.

Infelizmente, motivos particulares deteram-no na capital do Amazonas, e nós só agora resolvemos, embora tardivamente, fazer circular a nossa pequena revista.

Creemos, porém, que o público desculpará a nossa falta, e promettemos então continuar na publicação do *Cenáculo*, mensalmente, evitando por todos os meios atrazar o seu aparecimento.

E agora só nos resta, pois, agradecer penhoradamente a fidalga e captivante maneira por que a illustrada imprensa d'esta Capital acolheu-nos.

Procuraremos do melhor modo retribuir a sua fineza, o seu cavalheiro modo de proceder para com o *Club Coelho Netto*.





TOMYRIS

I

N

OITE branca de luar.

Pelo espaço, suavemente perfumado, pairava uma tenuissima e transparente gaze, com um véu de noiva.

Silenciava tudo. Apenas de quando em quando sonorava a melancolica toada das brisas fugitivas.

E foi por uma noite d'estas, noite amorosa e calida, em que a alma e o pensamento, povoados, prenhes de sombras adoraveis e irrequietas visões erradias, que o rei dos Persas, Kiros, — o conquistador indomavel, — escolheu para rever, uma a uma, as fundas agonias impiedosas que o feriam, que anniquilavam-lhe todas as forças e a pujança do seu genio essencialmente guerreiro e dominador.

Reviu-se, então. Que mudança! Parecia um espetro! Na sua alma, onde todos os sonhos de ambiciosas conquistas se aninhavam, onde os triumphos mais extraordinarios se accemulavam, nada mais restava, nada mais existia.

Só ruinas, só ruinas, escombros denegridos, urzes e espinhos doridos e ensanguentados. Suspirava. E, como nota plangente, tristissimo e ultimo acorde funereo, ouvia-se ao longe o sussurar dos bosques.

E assim passavam os dias, successivas noites infindas passavam e sempre a mesma agonia, a mesma amargura sempre.

Soluçava. E entrecortado pelos soluços que lhe fugiam do intimo, ciciantes como duas vozes amorozas, brando como um arrulhar de pombas mansas, ouvia-se o nome de Tomyris, a formosa rainha das mossagetes.

Sim, fôra por uma noite clara, mysteriosa e quente, que elle recebera em seu palacio, escrinio de raras preciosidades, e onde não tinham fim a ruidosa alegria dos vencedores e o intermino e festival concerto dos triumphos a mais bella e mais ideal mulher que se seus olhos então tinham lobrigado.

E agora com o que infocados ampliados cuidadosamente, elle revia uma a uma as linhas perfeitas, os contornos adoraveis d'essa mulher bonita por quem elle daria todas as suas riquezas, os triumphos todos, o seu sangue, a sua vida, para ser unicamente um seu escravo.

Mas, como estylete agudo, ferino estylete mortal, elle sentia a rasgar-lhe impiedosamente o coração o desmoronamento de suas ambições, a recusa formal e positiva do seu amor.

Elle bem se recordava.

A tarde declinava. E as cumiadas dos mais altos montes coloriam-se de uma cor sanguinea, rubra, com as ultimas reverberações do sol agonisante.

O céo no alto era de um azul purissimo, onde as estrellas punham scintillações vivissimas.

E pela athmosphera, quente, opressa e agonisante, passava a brisa, preguiçosa, leve, a trescalar perfumes.

A sombra verde-escura de uma tamarineira alta, Tomyris descançava reclinada em fofos e luxuriosos almofadões de pennas. Velava-lhe o corpo adoravel uma finissima e transparente gaze, onde o arfar dos seios punha ondulações suaves e brandas. Parecia dormir. Rodeavam-n'a escravas formosissimas

Umas ateavam os brazeiros das caçoilas de oiro, onde os mais raros e esquisitos perfumes consumiam-se. Outras empunhavam harpas, alaúdes e cytharas, cantando as tristes canções d'esse paiz distante, onde Tomyris nascera e que havia abandonado, por uma noite nupcial, branca e perfumada.

Outras, porem, mais amorosas, refrescavam a athmosphera quente e enervante, agitando no espaço enormes flabellos de pennas multicores, enquanto outras preparavam limonadas odoriferas em finas taças de oiro polido, onde bailavam flócos de gelo e pétalas de rosa.

Tomyris reposava. Kiros, occulto pelo tronco de um therebinto gigantesco, contemplava, enleiado, a formosura ideal d'essa mulher em plena juventude, em plena exhuberancia de fórmas e encantos seductores.

Tomyris despertou.

Despediu suas escravas, e, seguida da sua amiga e favorita, — a bella Amour, — dirigiu-se para o rio que ha poucos passos deslisava sereno e prateado, á luz magnetica da lua.

Cahia a noite. Kiros acompanhou-a, occulto sempre.

Quando, porem, as brancas e niveas roupagens de Tomyris se desprenderam, e, como um *bouquet* desfeito de gardenias e jasmins, rolou por terra, deixando o seu corpo branco, como uma flor de neve, pompear-se, divino, ante os olhos cubicos do rei dos Persas, elle não se poude mais conter, e, rasgando a espessa folhagem do bosque, atirou-se aos pés de Tomyris.

— «Senhora, não é um guerreiro triumphante ou um rei poderoso que vêdes curvado aos vossos pés: é um escravo submisso e amoroso. Se é ousadia o que pratico, não vos peço perdão, rainha. Ahi tendes um punhal, matae-me, ó adoravel criatura! Uma punhalada vibrada pelas vossas mãos, senhora, tem doçura, — oh! muito mais, — do que a desillução de nunca possuir-vos.

— Sois um louco, senhor.

Tendes a grandeza dos triumphos e a fria dureza dos combates. Sois grande, como um colosso de granito, e frio, muito frio, como uma silhueta de gelo. Não podeis amar-me. Estas bellezas, que não ouso esconder aos vossos olhares ávidos, não me pertencem: longe, muito longe, n'um paiz distante, existe o feliz predestinado . . .

— Oh! Dizei quem é esse ousado que pôde mais que um rei. Dizei, senhora; quero fazel-o sentir o poder de Kiros!

— Bel-sar-useur!

— O rei da Babylonia?

— Sim.

— Ah! Bel-sar-useur! Eu me vingarei. Babylonia, a cidade do luxo, a invencivel cidade de Semiramis, será com a tua cabeça o mais bello trophéo do meu carro triumphal!

Vencerei Tomyris. E depois . . . e depois . . .

— Nunca! Tu, que pretendes, dominar o mundo, nunca dominarás meu corpo. É rapida, e activa, sublime na sua nudez de virgem, atufou-se nas aguas do rio.

II

Desaparecera o cortejo. Uma névoa de poeira ruiva eliminára-o. Apenas trazido pelo vento morno do deserto, sonorava ainda o canglorar das fanfarras.

Tomyris partira. Kiros despertou. Pela primeira vez encontrou-se a sós. Dentro do seu peito encouraçado a todas as paixões, um vácuo immenso se fazia agora.

Levantou-se. E lento, e leve, e vaporoso, e triste, como um ressussitado, dirigiu-se para os aposentos que Tomyris occupára.

Era um palacio de alabastro cor de rosa, cujos zimborios e cúpulas de oiro se perdiam no azul.

Kiros entrou: pelas escadarias, magestosamente flanqueadas de esphinges e obeliscos, escravos semi-núos choravam. As harpas, as cytharas jaziam quebradas, emmurcheçiam as rosas, morriam as maderesilvas.

Nos labios do rei dos Persas, expirava um cavo gemido rouco e dolorido. Aquelle anniquilamento das coisas, era o espelho da sua alma.

Penetrou na alcova. Do tecto de prata, assente sobre columellos de granito róseo, pendia uma lampada de pórfiro, cuja luz amortecida, bruxuleante, imprimia nas coisas, naquelle hora de saudade, em que agonisava o sol e soluçava a tarde, uns tons de doce melancolia enervante. Umas após outras, as lagrimas cahiram dos olhos do vencedor de Thimbréa.

Doia-lhe aquelle isolamento, e mais ainda o ferio, quando os seus olhos se fitaram no leito de oiro, cravejado de brilhantes e saphiras, onde os carbunculos enormes e as tuchsias rubras, com olhos de serpentes, accesos e esbrazeantes, sobre-sahiam.

Kiros, circumvolveu n'um rápido e amortecido olhar o aposento todo.

Dos cantos, dos perfumadores de finissimo oiro esmaltado, onde fumegavam resinas aromaticas, evolava-se um leve aroma, um quebrado perfume de oleo de nardo.

Fitou o leito, fitou-o num deslumbramento, como quem queria adivinhar na impeccavel alvura dos lençóes desfeitos as vaporosas fórmas estonteantes de um corpo que elle desejava, que elle queria, e que era feito de arminho, e que era feito de beijos!

Rapida foi a desillusão.

Kiros estava só, e essa doce illusão que o embalara, não era mais do que uma phantasia rósea da sua mente attribulada.

Reanimou-se. Expulsou todo o mal que o torturava. Ia sorrir, mas o clangor das fanfarras do séquito de Tomyris sonoriso ainda em seus ouvidos, e elle . . . soluçou . . .

Pelas janellas ogivas abertas entravam baforadas de vento morno, enquanto nos capiteis e nos zimborios altos, pombos brancos, de azas perfumadas, banhavam-se ao luar . . .

Cantidiano Nunes.



DE VOLTA



AO RAUL ROCHA.

Eis-te junto de mim. Depois de longa ausencia,
perto de mim te vejo,
a trazeres-me, flor, do teu amor a essencia
e o fogo indominado e ardente do teu beijo.

Eis-te junto de mim. E, a contemplar-te, passo
o dia todo e a noite, e a noite inteira, creias!
Quero apertar-te, flor, n'um prolongado abraço,
co' a nevróse fatal das lubricas sereias!

De lá, d'esse paiz,
de onde vens de chegar,
trazes cantando a alma immacula e feliz,
feliz o coração e mais brilhante o olhar!

No meu jardim em flor anda a cantar um bando
alegre e jovial de castas andorinhas,
desferindo no espaço um limpido concerto!
Vi-as hontem chegar, uma canção cantando,
ao mesmo tempo em que, chorando e rindo, vinhas,
ó mulher mais alta e nobre que as rainhas,
povoar o meu céo,
— tanto tempo deserto!

Trajas de neve, e rosa, e lyrio, e oiro, e opala;
uma aurora poisou nos teus cabellos, santa!
De lá trouxeste, a rir, uma orchestra na fala,
e o perfume febril que esse teu corpo exhala
me fanatiza e encanta!

Anda em tudo um prazer inexprimivel, mudo,
um estranho prazer tão limpidio e sonório,
que, ás vezes, ao pensar que tudo exulta, tudo,
porque chegaste, flor, em vez de rir, eu choro!

É eu choro em vez de rir! É, certo, não consigo
dizer-te a magua aíröz que me fére e desóla,
embora veja bem que a Dor que ora mitigo
parte tambem de um sér que, rindo, me consola!

Parte esta Dor de ti, de ti, meiga creança,
hostia celestial, ó lyrio do sol-posto,
parte de ti que foste a unica esperança,
a luz da minha crença,
o meu sonho fatal!

Na loucura do Amor, pensei que no teu rosto
refulgia e brilhava a extrema luz intensa,
o divino pharol da estrada do Ídeal!

Fiz de ti uma santa, e dentro do meu peito
um altar levantei,
para nelle trazer o meu amor sujeito
ao despotismo andaz da tua grande Lei.

É hoje, que estás ahi, mais formosa que outr'ora,
immensamente bella, immensamente pura,
brilham junto de mim scintillações de aurora
e foge ao meu olhar a velha noite escural

É assim vivendo vou, feliz, porque chegaste,
ó luz da minha vida! ó sol da minha tréva!
É p'ra ti que, cantando, a minh'alma se eleva,
quando se encontra só, como um lyrio sem haste!

Eis-te perto de mim. A' luz forte do dia,
o Prazer nos afaga e o Riso nos invade!
E em cada alma vibra um psalmo de alegria,
e em cada peito morre a dor de uma saudade!

Bem-dita sejas, pois! Comigo, me aparece
o Jubilo, e me foge a sombra do Desgosto...
sejas bem-dita, pois, alma feita de prece,
ó lyrio virginal da hora do sol-posto!

Antonio Alves Junior.



DOLENTE

A ANTONIO ALVES JUNIOR.

PUNGE-ME vel-a, todos os dias, ao cahir melancolico e saudoso da tarde, de mão posta no rosto amorenado e suave, fitando o firmamento infindo, os páramos azues...
Revejo na luz do seu olhar magico e sereno toda a amargura infinita e espesinhante, que tortura a sua alma — branca sóror do claustro do seu peito.

Diviso, nas contracções nervosas do seu semblante dolente e contristado, a sua alma crucificada no roxo Calvário da Saudade...

Quantas vezes seu pensamento de monja macerada não ha de pairar por mysticos paraizos, onde existem castellos eburneos, com sólios de purpura de Tyro e perolas de Ophir, feitos pelo seu grande Amor e santificados pelo seu Affecto immenso. E ahi, dentro d'esse templario da suprema e sacrosanta religião do seu Amor, ella vê, idealmente, visionariamente, a sua Alma unida a outra alma, num castissimo idyllio eterno e ineffavel.

Depois, sahe d'esse extase bem-dito e acariciador e desce á realidade cruel e desoladora.

Vé, então, a sua Alma dentro de um ataúde feito de violetas e saudades; e assiste, tremula, com os olhos lacrimejantes de dor, descer o feretro á sepultura, onde vae o seu corpo amortalhado na Hostia da tristeza e do desengano...

Neste momento de martyrio espiritual, o seu coração segreda-lhe baixinho: «O teu noivado, flor da soledade, não realizar-se-á nos templos sacros, por entre

liturgias evangelicas e biblicas litanias, mas sim entre as loisas enregeladas e tristes de um cemiterio silente, á sombra tenebrosa dos mudos cyprestaes.

Tens contra ti, — lotus do hôrto da melancolia, — estuante oceano de abrolhos e de syrtes! . . . »

Seja a alma do teu noivo amado o santuario da tua e o teu Affecto a sua Extrema-Uncção.

. . . Alma crucificada no roxo Calvario da Saudade . . . na Hostia violacea da Tristeza amortalhada . . .

Punge-me vel-a todos os dias, ao cahir melancolico e saudoso da tarde, de mão posta no rosto amorenado e suave, fitando o firmamento infindo os páramos azues . . .

Flexa Ribeiro.



MIRAGEM

No sahára. Enorme é a cafeteria de camellos. Enorme é a caravana.

O adusto areial estende-se como um immenso lençol a amortalhar o cadaver do mundo. O sol derrama ardentes raios, que racham, rebentam, recortam os corpos nus dos beduinos exhaustos.

Por todo o céu nem um farrapo de nuvem. Por todo o deserto nem um frémito de aragem. Clamaria pôdre em ambas as immensidades.

Ha longos sóes e longas luas a caravana avança, sem encontrar uma gotta de agua, sem encontrar uma pequena sombra que lhe mitigue os soffrimentos. Mas avançam, avançam sempre, crentes na bondade divina, esperançados de melhores dias.

A um momento todos param desalentados. Os camellos, lassos e arquejantes, alongam os esguios pescoços, farejando o ar abrazado.

Súbito brada uma vez:

— Ali! ali!

E todos os olhos, a um tempo, fitam o ponto determinado, e todos os olhos vêm . . .

Palmeiras elegantes a sombrearem amenissimos regatos crystalinos, povoados de ibis e cegonhas.

— Ali! ali! bradam todos.

E a caravana de novo põe-se em marcha.

Brilha a alegria em todos os semblantes, bailam sorrisos nos labios descorados. Emfim, vae terminar o suppicio da sêde e do cansaço.

Os paes afagam os filhos esquecidos, o esposo a esposa, e todos crêm em uma nova phase de existencia.

Caminham, sempre, suarentos, empoeirados, ao trote largo das magras alimárias. Caminham . . . e o deserto continua a estender-se como um immenso lençol a amortalhar o cadaver do mundo.

De todos os labios, em côro de desgraçados, parte o grito:

— Miragem! . . .

* * *

Assim é a vida. Visionarios, como somos, só fitamos o futuro.

Tudo se nos apresenta pelos melhores primos: tudo bello, tudo encantador.

Passam-se os annos, e vamos encontrar a realidade na Dor, no Pranto e na Tristeza.

Caminhamos de desengano em desengano e tombamos, velhos, descruidos amargurados, á falta de ventura, á falta de amor.

JOÃO BAENA.



NÃO sei que vago e palpante enleio
vibra-me n'alma sonhadora, quando,
ao ver-te ahi do mattagal no meio,
a noite desce o espaço negrejando!

Ergues, além, teus braços hirtos . . . Creio
nelles alguma lenda palpitando . . .
No entanto, a sós, do mattagal no meio,
vaes um passado amargo recordando . . .

Antigamente, os falsos passarinhos
teciam nos teus ramos brancos ninhos,
e agora nelles nem sequer um ri-se!

Vê quanto a sorte é malfadada e rude:
— se gozaste, feliz, na juventude,
morres, penando, na fatal velhice!

Renato de Oliveira.



VELHINHA

Não sei que força mysteriosa, que poder falta que me allucina e encanta,
que me commove e abate, sinto vibrar dentro em mim, quando eu A vejo, rindo e
cantando, formosa e meiga, immaculada e pura . . .

Não sei que vago enleio mysticamente suave prende o meu olhar ao seu
olhar piedoso, ao seu divino olhar feito de prece, e magua, e de açueena e lyrio!

Quando Ella fala aos meus ouvidos quasi, oiço as vibrações sonoras de
harpas eólias e o trinado ineffavel d' bandolins cantando . . .

Julgo ouvir as notas lyriaes de uma ballada antiga, as festivaes canções de
uma divina orchestra, nessa voz tremulamente doce, que me invade a alma torturada
e doente, n'uma radiação deliciosa e calma de vibrações sonoras e ineffaveis . . .

Tudo em redor de mim fala de Amor, tudo me extasia e encanta: ora as aves que poisam nos hombros d'essa velhinha casta, ora as flores que aromatisam e estrillam os seus cabellos, brancos de arminho, brancos de néve . . .

E quando eu a vejo perto de mim, uma alegria estranha todo o meu sér invade, um jubilo sublime toda a minha alma cobre, um prazer suavissimo e sonóra baila no meu espirito, quando a vejo perto de mim, como uma santa na sua redoma.

Longe d'essa velhinha casta eu habito agora. E ás vezes, quando chega a hora ineffavel do sol-posto, eu, ao lembrar-me da minha infancia alada, quando eu dormia cantando e despertava rindo, quando eu vivia n'um paraizo aberto, sentindo a luz vivificante e pura do seu Carinho e o fervor inegualavel da sua Benção, ao lembrar-me de tudo isto, de todo esse Relicario de amor e de paz que se chama Infancia, — dos meus olhos amargurados cáem duas lagrimas amáras, dolorosas lagrimas de um filho errante, que vagueia, louco, atravez do turbilhão insano dos Pzares, nesse mar inquieto e profundo, nesse vasto mar que nós chamamos Vida . . .

E no silencio inquebrantavel das noites de lua, — serenas noites de luar divino, — eu levanto os olhos para os Céos distantes, e dos meus labios tristes uma Prece fugitiva parte, uma dolente Prece de saudade vôa para o Mansão do Além, onde o Pae dos homens vive, rodeado de anjos e rútilo de estrellas . . .

Quero vel-a um dia! Quero vel-a um dia, unicamente um dia!

Desejo ver de novo essa velhinha pobre, essa doce velhinha cor de neve e lyrio, cuja alma trago encerrada dentro da minha, e cujo olhar é o dia de minha treva, é o cyrio do meu Horto!

Sê bemdita, alma da minha alma, sangue do meu sangue, vida da minha vida, oh! sê bemdita, adorada velha formosa e casta, que eu amo e quero para todo o Sempre, porque és minha Mãe!

Edmundo Alfieri.



SÓ

SILENCIO em tudo.

E' noite.

A aragem passa
morosamente baloi  ando os ramos...
E eu penso em ti, no tempo em que gozamos
do nosso amor todo o frescor e a graça



chama America, penetram orgulhosamente em nosso territorio, invadem os nossos rios, levantam cartas, e proseguem a investigar os recantos nacionaes, deslumbrados pelas riquezas extraordinarias com que a natureza aprouve dotar-nos.

E agora, essa mesma nação, que é nossa *amiga*, que encobre nas suas visitas constantes aos portos do Norte do Brasil, um fim já premeditado, onde os proprios heróes, aquelles que já alcançaram a benção da Posteridade, que têm a fronte aureolada pelas flores da victoria, parecem dispostos a manchar esses loiros, que conquistaram com o sacrificio da propria vida, regeitando as saudações sinceras ditadas pela admiração de um povo amigo, para deixal-os cahir com orgulho, uma após outra, sobre esses colossos de bronze americanos, que vomitam em cinco minutos cento e tantas balas, cento e tantas mortes, reunem-se em conciliabulo em Nova-Orleans, para decidir definitivamente o empolgamento vergonhoso da America Central.

Mas não será assim.

Essa usurpação, esse empolgamento das terras americanas, não se realizará.

O povo brasileiro não é um povo aventureiro: no seu complexo ha muita energia e muito patriotismo. Se a essas nações cabe a indignidade da invasão, do empolgamento, a nós cabe o sagrado dever de repellir, de fechar os nossos portos e trancar essa grande Officina que Pedro Alvares Cabral descobriu e que se chama Brasil, e que nós haviamos aberto a todos os concursos, a todas as aspirações!

Porém, nós não procederemos assim. Nós não primamos pelo direito da Força. Guia-nos a Razão, a Justiça e a Paz.

* * *

E como são tristes estes factos! E como, ao recordarmol-os, sentimos fundo sangrar o coração!

«Ha cento e cinquenta e oito annos, dizia o illustre autor das *Eras Paraenses*, Antonio N. M. Baena, em um discurso pronunciado no Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, em 21 de Maio de 1840, — ha cento e cinquenta e oito annos que dura o desejo, a ambição dos franceses e dos ingleses de amplificar as terras brejosas e estereis das Guyanas com as terras usurpadas ao sólo paraense.

Hoje, se o illustre historiador e investigador nortista ainda existisse, diria com mais amargura do que aquella que sentimos, ao ler o trabalho a que vimos de nos referir:

— Ha duzentos e vinte e dois annos que dura o desejo de empolgamento das terras do Brasil. —

E assim é. Este desejo, repellido quasi sempre pelas constantes victorias dos portuguezes, na defeza dos seus direitos, não desapareceu, pelo contrario, mais arrefeceu.

O Brasil colonial, o Brasil dos primeiros tempos, pôde d'isso ufanar-se. Só no Brasil independente, no Brasil Imperio e no Brasil Republica, é que, de novo e mais audazes, se repetiram e se repetem esses desejos de empolgamento, sem que uma barreira se levante para impedil-los de continuar a usurpar o terreno brasileiro, sólo sacratissimo, onde reposam os nossos antepassados.

A recuperacao do terreno separado no Congresso de Amiens, para fazer parte da Guyana, a conquista da Guyana francesa em represalia á oppressão do exercito invasor de Napoleão, esses feitos todos que fôram guiados pela energica coragem e pelo alto patriotismo do governador José Narciso de Magalhães de Meñezes, podem, sem contestação alguma, juntar-se ao de Francisco da Veiga Cabral, defendendo em 1895 a integridade da Patria Brasileira!

Alerta, pois!

Não nos deixemos fascinar, illudir, deslumbrar pelas saudações *amistosas* d'esses povos, que no fundo guardam o mais ingrato dos desejos.

Alerta!

O Pará, á parte, já deu o mais bello exemplo de patriotismo; ao Brasil, o todo, resta agora concluir a obra.

Mucio Scavola.

GENÁCULO

REVISTA MENSAL

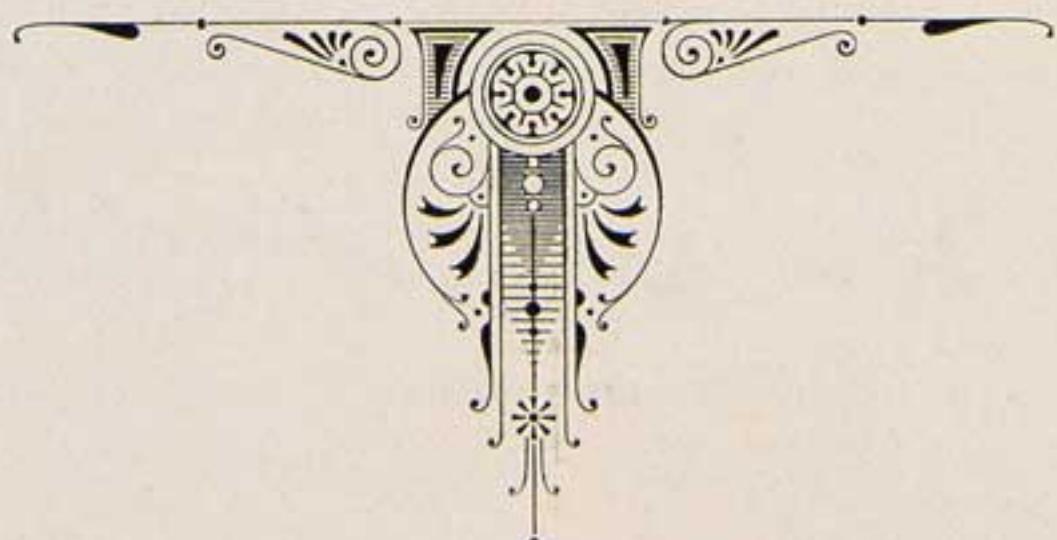
DO CLUB COELHO NETTO



EXPEDIENTE. — Toda a correspondencia literaria ou de manifesto interesse d'esta Revista, deve ser dirigida á Redacção, Travessa Dr. Moraes, 26, collegio ATHENEU PARAENSE.

O CENÁCULO só publica trabalhos inéditos.

Pedimos aos nossos illustres confrades a gentileza de estabelecerem permuta com o *CENACULO*.



PROGRAMMA
do SARAU dramático promovido pelo
CLUB COELHO NETTO
em beneficio do ORPHELINATO PARAENSE
em a noite de 29 de Abril de 1900.

1.^a PARTE

REPRESENTAÇÃO DO DRAMA SOCIAL

AMOR . . . AMOR . . .

ORIGINAL DE CANTIDIANO NUNES.

PERSONAGENS:

Carlos de Murat (esposo de Hermilla) — SR. JOÃO VASCONCELLOS
Luiz de Avellar (intimo de Carlos) — SR. ANTONIO ALVES JUNIOR
Hermilla (esposa de Carlos) — D. LUIZA PRATA
Alberto (progenitor de Carlos) — SR. CYRILLO DE NEGREIROS
Lucia — 1.^º e 2.^º actos — (filha de Carlos) — D. ZIZI PRATA
Lucia — 3.^º acto — (filha de Carlos) — D. THEODOLPHA PINHEIRO
Visconde de Olivar (velho de devasso e sedutor) — SR. OLIVAR CUNHA
Herrára (banqueiro) — SR. ADRIANO ALMEIDA
Alfredo — (creado) — SR. JORGE PENHA.

2.^a PARTE

REPRESENTAÇÃO DA SEMPRE APPLAUDIDA COMÉDIA

ACTORES EM QUEBRADEIRA

Personagens :

Arthur (actor) — SR. ANTONIO ALVES JUNIOR
Alfredo (idem) — SR. ELESBÃO GOMES
Simplicio (fazendeiro) — SR. JOÃO VASCONCELLOS

